



**AUTOR(ES):** CAROLINA PEREIRA ACYPRESTE  
**ORIENTADOR(A):** CLÁUDIA DE JESUS MAIA

## **VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ÍNDIA E A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE INTERSECCIONAL**

### **Introdução**

Em 2012, ocorreu em Nova Délhi, capital da Índia, um caso de estupro coletivo, crime que foi amplamente divulgado pela mídia indiana e internacional devido aos protestos gerados em várias cidades do país. Neste ano, no dia 16 de dezembro, uma estudante de fisioterapia, Jyoti Singh, foi ao cinema com um amigo, e na volta para casa, feita de ônibus, seis homens – entre eles o motorista - a estupraram e espancaram. Após o crime ela e o amigo, que também fora agredido, mas apenas com socos, foram abandonados, desfalecidos, em uma rua. Singh chegou a ser socorrida e levada ao hospital, entretanto sobreviveu apenas por treze dias.

A violência de gênero se trata de um recado, há toda uma simbologia por detrás de uma violência praticada contra um indivíduo enquanto pertencente à um sexo; quando o sexo, ali, é considerado na agressão. Apesar de não ser autossuficiente para entender todas as questões na qual se insere uma situação de violência contra a mulher, as relações de gênero são fundamentais e indispensáveis para entender porque os homens estupram. As pautas dos estudos de gênero hoje se encontram mais ampliadas, pois há uma recente preocupação com as diversas culturas e raças na qual pretende-se abranger nos estudos. Alguns autores, e principalmente autoras, utilizam o conceito de colonialidade para refletir sobre as novas formas de colonização, que podem, inclusive, ser feitas através de trabalhos científicos e acadêmicos. Muitos estudos novos vindos do chamado feminismo subalterno trazem essa necessidade de trabalhar o não ocidente, os países latinos e países do sul, assim como as mulheres de cor e indígenas em uma perspectiva não globalizantes. De acordo com Ballestrin, “A ideia de feminismo subalternos pode agregar diferentes movimentos de mulheres feministas, acadêmicas ou não: feminismo pós-colonial, feminismo terceiro-mundista, feminismo negro, feminismo indígena, feminismo comunitário, feminismo mestiço...”. (2017, p. 1040). O que se procura evitar é que os estudos feitos dos diferentes tipos de mulheres seja feito de forma que às torne universalizadas, generalizadas e por isso propõe fazer análises interseccionalizadas. Desta forma se atentando para as complexidades históricas e culturais, pois marcam diferentes formas de insubmissão e autonomia dessas mulheres, o que evita também a inferiorização das mesmas julgadas pelo padrão das feministas brancas e de classe média. (BALLESTRIN, 2017).

O objetivo deste trabalho é fazer um estudo de caso dos encaminhamentos do estupro coletivo de Nova Délhi no ano de 2012, fazendo uma investigação da violência de gênero em uma perspectiva decolonial, buscando análises interseccionalizadas com marcadores de raça, etnia, cor, classe, trabalho e geopolítica.

### **Material e Métodos**

Dentro desse cuidado com um estudo que não generalize os sociedades e as mulheres, os estudos decoloniais apontam que não basta apenas aplicar os estudos de gênero sobre determinada situação de violência, mas inter-relacionar a violência de gênero com a violência colonial, nas palavras de Ballestrin, “É como se o poder colonial fosse somado ao poder patriarcal; a violência sexual em particular aparece como fundamental para entendermos a violência colonial em geral.” (2017, p. 1038). Um estudo sobre a violência sexual na Índia, considerando que se trata de um país que foi colonizado e fortemente atingida pela modernidade colonial, ao mesmo tempo em que resiste culturalmente à modernidade, faz indispensável uma abordagem decolonial dentro de um estudo sobre violência de gênero. Ao propor esta análise teórica o trabalho se utiliza das pesquisadoras como Rita Segato, Luciana Ballestrin e Gayatri Spivak que trazem uma perspectiva decolonial em seus trabalhos.

Para análise do estupro coletivo de 2012 na Índia, a presente pesquisa está utilizando como fonte o documentário *India's daughter* e os diferentes discursos mobilizados pelos familiares da vítima e dos assassinos, assim como aqueles acionados por membros de diferentes segmentos da sociedade indiana, como políticos e religiosos, presentes nesse documentário. E também das reportagens *online* dos jornais *India Today*, *Indian Express* e o *The Times of India*, que



acompanharam e noticiaram as manifestações e os passos do governo em função das cobranças públicas.

## Resultados e Discussão

A pesquisa ainda está em desenvolvimento e seus resultados são parciais. Entretanto, ao analisar cultura do estupro coletivo na Índia para entender a representação que tem da violação sexual neste país, este trabalho está propondo investigar possíveis reflexos da colonização inglesa e das novas formas de colonialidade impostas sobre a Índia. Para isso, atentar principalmente para o olhar das próprias indianas, deixar que a mulher asiática fala por si só, pois, de acordo com Gayatri Chacravorty Spivak, “Certas variedades da elite indiana são, na melhor das hipóteses, informantes nativos para os intelectuais do Primeiro Mundo interessados na vez do outro.” (SPIVAK, 2014, p. 57).

Simon Bronitt e Ashutosh Misra afirmam que “...o costume, a tradição e a religião na Índia desempenharam e continuam a desempenhar um papel significativo na manutenção da subordinação das mulheres.” (BRONITT, MISRA, 2014, p.38, tradução minha). Mas Kavita Krishnan indaga que “Quando os políticos e outras personalidades influentes buscam definir a “cultura indiana” em termos de tradições misóginas, eles não estão se referindo a uma cultura pré-existente, estão tentando criar e dar forma a tal cultura. É um mito proferido para fins políticos.” (2015, s.p). A autora, que é Secretária da Associação de Mulheres Progressista da Índia, ainda explica que as traduções e cultura indiana são manuseadas por políticos para fortalecer o apoio da classe alta e também para produzir uma ideia de agregação de todas as classes. A desigualdade de castas e classes é mascarada na concepção de uma identidade cultural que tem como um de seus preceitos fundamentais a noção de “honra” masculina baseada no controle das mulheres. Há ainda outro fator, a inclusão da mulher, pelo capitalismo, como mão de obra barata, mantendo-a como responsável pela reprodução social, no que diz respeito não apenas a gerar os filhos, mas a dar conforto psicológico ao trabalhador, cuidar do trabalho doméstico e filhos, tornando do estupro uma medida pata disciplinar também o trabalho das mulheres em uma capitalismo econômico neoliberal. (KRISHNAN, 2015, s.p).

## Conclusão/Conclusões/Considerações finais

O status da relação homem e mulher precisa ser constantemente reafirmada para que um mantenha sobre hierarquia do outro. Quando burlam os valores atribuídos à elas, causam incômodo, ameaçam a estrutura. Na relação de status entre os sexos, uma mulher só se encontra protegida quando tutelada por outro homem, quando fisicamente protegida por este, pois neste caso se trata de uma relação entre homens. (SEGATO, 1999). Jyoti Singh estava sem a “proteção” de um parente, e a presença de um homens que não seja parente ou marido, não impede a agressão, o amigo de Singh foi espancado e largado de lado enquanto ela era brutalmente violentada; em razão de que um amigo não conserva a “posse” da mulher como um pai ou marido, por tanto suas queixas e presença se tornam inválidas.

De acordo com Spivak “... a proteção da mulher (hoje, a mulher do Terceiro Mundo) se torna um significante para o estabelecimento de uma boa sociedade, que deve, em tais momentos inaugurais, transgredir a mera legalidade, ou equidade da política legal.” (SPIVAK, 2014, p. 96). Além de que, essa proteção não só exclui as mulheres sobre as decisões que se referem à própria vida delas, como constantemente é aplicado na lei por homens políticos da classe alta que não compreende os problemas da classe pobre e trabalhadora; embora o relatório da Comissão de Verma tenha alertado para como o estupro não se trata de um crime de paixão mas sim de expressão de poder e que nesse sentido há necessidade de uma educação e conscientização social sobre gênero além do aumento das penalidade e que pena de morte não é recomendado para esses casos pois gera mais violência, o governo mesmo assim aprovou a pena de morte para casos graves de estupro.



## Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES – pelo auxílio, fundamental para realização e continuidade desta pesquisa; o apoio e incentivo à pesquisa é de relevância importância para o desenvolvimento científico.

Gostaria de agradecer também ao Programa de Pós-graduação em História – PPGH – da Universidade Estadual de Montes Claros, e especialmente às aulas ministradas pela Professora Dra. Cláudia de Jesus Maia, imprescindível na elaboração deste projeto de pesquisa e desenvolvimento do mesmo.

## Referências

- ANISTIA INTERNACIONAL. *CAMPAIGN SUCCESS: PROTECTION GIVEN TO INDIAN SISTERS DUE TO BE RAPED AS PUNISHMENT FOR THEIR BROTHER'S 'CRIME'*. 2015. Disponível em: <<https://www.amnesty.org.uk/india-dalit-sisters-protection-raped-punishment-brothers-crime>>. Acessado em 25 de Outubro de 2017
- BALLESTRIN, LUCIANA. FEMINISMOS SUBALTERNOS. ESTUDOS FEMINISTAS. V.25, n.3, 2017. Disponível em: <[FILE:///C:/Users/TOSHIBA/Dropbox/ARTIGOS/G%C3%8ANERO,%20CORPO,%20SEXUALIDADE/ARTIGO%20FEMINISMOS%20SUBALTERNOS.PDF](file:///C:/Users/TOSHIBA/Dropbox/ARTIGOS/G%C3%8ANERO,%20CORPO,%20SEXUALIDADE/ARTIGO%20FEMINISMOS%20SUBALTERNOS.PDF)>. Acessado no dia 08 de Agosto de 2019.
- INDIAN EXPRESS, THE. *PREZ PRANAB MUKHERJEE PROMULGATES ORDINANCE ON CRIME AGAINST WOMEN*. 2013. Disponível em: <<http://archive.indianexpress.com/news/president-pranab-mukherjee-promulgates-ordinance-on-crime-against-women/1068720/>>. Acessado em 25 de Outubro de 2018.
- KRISHNAN, Kavita. *Cultura do estupro e machismo na Índia em globalização. Revista internacional dos direitos humanos*, 2015. Disponível em: <[https://bdjur.stj.ius.br/ispui/bitstream/2011/101233/cultura\\_estupro\\_machismo\\_krishnan.pdf](https://bdjur.stj.ius.br/ispui/bitstream/2011/101233/cultura_estupro_machismo_krishnan.pdf)>. Acessado em 25 de Outubro de 2017
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder y clasificación social. Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires. Editora CLACSO. 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>>. Acessado em 22 de Outubro de 2018.
- New York Times, The. *Indians Outraged Over Rape on Moving Bus in New Delhi*. 2012. Disponível em: <<https://india.blogs.nytimes.com/2012/12/18/outrage-in-delhi-after-latest-gang-rape-case>> Acessado no dia 09 de Agosto de 2019.
- RAJ, Anita. McDougal, Lotus. *Sexual violence and rape in India*. The Lancet, 2014. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)60435-9/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60435-9/fulltext)>. Acessado em 25 de Outubro de 2017
- SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. Trad. Rose Barboza. e-cadernos ces, 18, Universidade De Coimbra, 2012. pp. 106- 131.
- SEGATO, Rita Laura. *A estrutura de gênero e a injeção do estupro*. In: SUÁREZ, Mireya. BANDEIRA, Lourdes. *Violência, gênero e crime no Distrito Federal*. Editora Universidade de Brasília. 1999.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014
- SWAIN, Tania Navarro. *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. 2000. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/tanianomadismo.htm>>. Acessado no dia 08 de Agosto de 2019.